

## **Reflexões sobre o ensino nas escolas Folkcomunicação Jornalismo**

## **Reflexiones sobre la enseñanza de la Folkcomunicación en las escuelas de Periodismo**

## **Notes on Teaching Alternative Communication in Journalism Schools**

**Agnes de Sousa Arruda Rocco**  
Universidade de Mogi das Cruzes - UMC  
[agness@umc.br](mailto:agness@umc.br)

**Cristina Schmidt**  
Universidade de Mogi das Cruzes - UMC  
[crisschmidt@umc.br](mailto:crisschmidt@umc.br)

*Fecha de recepción: 1 de septiembre de 2016*

*Fecha de recepción evaluador: 30 de septiembre de 2016*

*Fecha de recepción corrección: 31 de octubre de 2016*

### **Resumo**

Numa altura em que estamos a falar da importância da profissão de jornalismo, este trabalho apresenta uma reflexão sobre o ensino folkcomunicação nas escolas de jornalismo.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; Meios Alternativos; Jornalismo; Educação Superior; Metodologia de Ensino; Interdisciplinaridade.

### **Resumen**

En un momento cuando se habla de la relevancia de la profesión de periodista, esta obra presenta la reflexión sobre la enseñanza de folkcomunicación en escuelas de periodismo.

**Palabras clave:** Folkcomunicación; Medios alternativos; Periodismo; Educación superior; Metodología de la enseñanza; Interdisciplinariedad.

## Abstract

In a time when talking about the relevance of the journalist profession, this paper presents reflection about the alternative communication teaching in journalism schools.

**Keywords:** Alternative Communication; Alternative Media; Journalism; Higher Education; Teaching Methodology; Interdisciplinary.

## Introdução

Estudos recentes da Folkcomunicação no Brasil dão conta do crescente número de grupos marginais que produzem informação própria ao seu universo cultural em moldes singulares, muito diferenciados dos meios tradicionais de comunicação. Conforme Beltrão (2001), são canais próprios aos grupos que se ampliam em uma comunicação de vários fluxos. Eles vão além de ressignificar a informação transmitida pela mídia hegemônica; trata-se de conteúdo pertinente à realidade do grupo em linguagem e formato apropriados para seus pares, dividindo-o e, muitas vezes, fazendo-o chegar a outros grupos que não somente o de origem.

É o caso da página de Facebook Bode Gaiato, estudada por Maia, Ricarte de Azevedo Souza e Nobre (2013). Com mais de 5 milhões de seguidores<sup>1</sup>, ela faz uso do humor ao trazer situações do cotidiano da população nordestina brasileira que não aparecem nos grandes meios de comunicação massa (MCM); também chama a atenção que grande parte de seus seguidores (mais de 2 milhões deles) seja de estados brasileiros que não pertencem à região Nordeste, de onde a temática original das postagens é retirada. Em informações fornecidas pela administração da página, só na região Sudeste tem-se, aproximadamente, 1,5 milhão de curtidas.

Nesse sentido, pode-se dizer que a proposta original de Luiz Beltrão, com a teoria da Folkcomunicação, foi expandida.

O estudo pioneiro afirma que grupos às margens da sociedade [...] traduzem os conteúdos que são produzidos pelos meios de comunicação convencionais para meios populares de informação. Tal processo se dá por manifestações das mais variadas; da simples tradução oral feita por trovadores a formas mais complexas, como a literatura de cordel (Arruda & Oliveira, 2013, p. 3).

Em Bode Gaiato, não há retransmissão, mas sim transmissão de conteúdo próprio daquele grupo. Além disso, a audiência não se restringe apenas a um grupo específico, os nordestinos, mas se expande a partir do que hoje permitem as tecnologias de comunicação.

Casos como o da Bode Gaiato representam parte dos rumos que a comunicação marginal vem seguindo, entendendo os processos que acontecem ao largo da comunicação institucionalizada em expressões dos grupos marginalizados como alternativas de informação. Nesse contexto, segundo Peruzzo (1995),

Numa conjuntura em que vem à tona a insatisfação de amplos setores devido às precárias condições de existência do povo e as restrições à liberdade de expressão, desenvolvem-se meios de comunicação “alternativos” dos setores populares, não sujeitos ao controle governamental ou empresarial direto (Peruzzo, 1995, p. 29).

Exemplificando o que diz a autora, tem-se o apresentado por Arruda e Moreira (2013) sobre os cartazes utilizados pelos brasileiros nas manifestações políticas de junho de 2013. Sem representatividade nos meios de MCM, os manifestantes se valeram de tal mídia para transmitir suas mensagens.

Com esses meios alternativos ou folkmídia, como explica Schmidt (2009), os grupos interagem com o universo tecnológico e global dentro do processo de comunicação de domínio comunitário, voltado para o diálogo com um mundo, pois

A inserção midiática mediada possibilita a criação de novos canais para uma comunicação cidadã; uma vez que compete à localidade, e à atuação de suas lideranças, a escolha de ações comunitárias que podem percorrer: da resistência, à coexistência, e até a independência; desde que em consonância com os interesses de seus grupos de referência e com as condições de apropriação/compreensão dos bens culturais por eles produzidos (Schmidt, 2010, p. 805).

Nesse aspecto, a autora pondera com base no percurso jornalístico-científico de Beltrão. Isso porque a Folkcomunicação trouxe a problemática dos grupos sociais que procuraram alternativas para o diálogo de suas informações a partir da exclusão por eles sofrida dos processos e meios hegemônicos de comunicação. Para que essa prática seja jornalística, no entanto, segundo a teoria de Beltrão, existem duas condições imprescindíveis: a aproximação mercadológica, em uma prática que articule realidade social e tecnológica, inserindo jornalistas e empresas; bem como compromisso e responsabilidade do profissional com o público, apontando para o aspecto ético da profissão, condizente à sua formação (Schmidt, 2009).

Dessa forma, pode-se dizer que tais meios alternativos se constituem autênticos veículos comunicação jornalística de domínio comunitário, que *online* ou *offline*, demonstram que produção e divulgação de conteúdo próprio dos grupos marginalizados é uma realidade e crescente tendência. Assim, acompanhar tal fenômeno deveria ser uma atividade não só para os estudiosos da Folkcomunicação, mas também para profissionais e acadêmicos das mais diversas linhas de pesquisa relacionadas à área. Pode-se dizer que, nesse contexto, caberia às escolas de Jornalismo, o papel de protagonista dessa discussão.

## Por uma nova escola de Jornalismo

Sob a alegação de que o Jornalismo fere o princípio constitucional de liberdade de expressão, o Supremo Tribunal Federal brasileiro (STF) decidiu em 17/6/2009 que não seria mais obrigatória a exigência da formação superior na área para o seu exercício profissional no País. A discussão sobre a decisão é acalorada; no entanto, é Pelegrini (2008) quem chama a atenção sobre o fato de as próprias escolas de Jornalismo terem contribuído para aquilo que, aparentemente, seria seu fim.

[...] ao considerar determinante o fazer jornalístico em torno da objetividade, como apregoam os interessados em colocar o jornalismo no patamar de ciência, pretende-se imputar a esse tipo de conduta, um tipo de “razão pura”, ou seja, de um tipo de retrato de realidade que permaneceria isento de valores éticos ou políticos. [...] Desta forma, a instrumentação técnica do fazer jornalístico tenta cancelar a idéia de uma “objetividade” que deve ser considerada a priori do fato. O jornalista pretende agir como um cientista dos acontecimentos, descrevendo objetivamente a realidade, mas sem se dar conta de que o fato que ele narra é, antes de qualquer coisa, um fato percebido pelo seu intelecto, que foi moldado culturalmente com valores éticos e políticos. Portanto, sua visão já é por si mesma uma visão parcial desse fato, ou pelo menos, um olhar que se realiza em uma versão para esse fato (Pelegrini, 2008, pp. 7-8).

O autor explica que, ao contrário do que se prega sobre isenção, verdade e imparcialidade, as escolas deveriam ensinar e incentivar a percepção de que “a realidade deve ser para o jornalista uma circunstância que o incluem e inclui seu leitor [...]. Neste sentido o jornalismo é uma ação que ao mostrar a realidade, a recria sob um ponto de vista. E é por isso que esse ponto de vista não pode se estabelecer como argumento de verdade para o fato” (Pelegrini, 2008, p. 8).

Assim, ao dar ênfase ao ensino da técnica, priorizando uma imparcialidade impossível de ser alcançada e não permitindo a reflexão sobre as questões da atividade de observar, absorver e recontar uma história considerando todo seu contexto, as próprias escolas de Jornalismo se fizeram dispensáveis, uma vez que os veículos tendem a ensinar seus repórteres essas práticas, moldando então o conteúdo às suas próprias ideologias<sup>2</sup>.

Para o autor a solução estaria no resgate da reflexão a respeito dos fatos, não apenas na narração dos mesmos.

A busca por uma atividade jornalística que privilegie o diálogo em oposição ao discurso deveria ser a tônica do aprendizado profissional nas universidades [...]. Um modelo de jornalismo que contemple a produção colaborativa poderia se transformar na saída honrosa para uma atividade que pretendeu, quase sempre, deter a exclusiva noção de verdade para os fatos que notícia (Pelegrini, 2008, pp. 8-9).

Nesse contexto, os apontamentos de Pelegrini podem ser considerados de relevância para a reflexão do que anteriormente fora apontado. Ao se desvincularem dos

meios hegemônicos de comunicação, os grupos marginais estão dizendo que não só aquela forma de comunicar, mas também aquele conteúdo, não mais os representa; não mais os diz respeito.

Estaria aí a origem crise enfrentada pelo Jornalismo brasileiro? A discussão é extensa com tantas opiniões quanto envolvidos na história. No entanto, a reflexão apresentada pelos autores, aos olhos desta investigação, faz muito sentido.

### **Novas diretrizes curriculares para o Jornalismo no Brasil**

Em resposta à decisão do STF, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) homologou em setembro de 2013 as novas diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Jornalismo no País, dando a chance das escolas de reformularem suas matrizes e projetos pedagógicos para que os diplomados na área tenham valor de mercado. A proposta, no entanto, tem compreensão diferente da de Pelegrini (2008) sobre qual seria a solução para o ensino da atividade profissional. Isso porque, ao transformar Jornalismo em um curso específico, não mais uma habilitação de Comunicação Social, além de incluir nas obrigadoriedades curriculares o estágio, as diretrizes parecem privilegiar justamente a técnica e não a reflexão<sup>3</sup>.

Apesar disso, na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), as novas diretrizes foram vistas como uma oportunidade de aplicar a reforma necessária à formação acadêmica na área, e os estudos da Folkcomunicação e de mídia alternativa, bem como os apontamentos de Beltrão (2001) e Pelegrini (2008), contribuíram nesse aspecto. Também foi considerando a perspectiva de Morin (2005) da religação dos saberes, que a proposta se concretizou. Para o autor, “[...] o observador-conceptor deve se integrar na sua observação e na sua concepção. Ele deve tentar conceber seu *hic et nunc* sociocultural. Tudo isso não é só uma volta à modéstia intelectual, também é volta a uma aspiração autêntica da verdade” (Morin, 2005, p. 185).

Assim, a reformulação teve como objetivo garantir que ao final dos estudos o aluno recebesse um diploma que avalizasse sua entrada no mercado de trabalho e que tal formação fosse, de fato, essencial para a atuação profissional, propondo reflexões teóricas sobre a prática profissional e atividades práticas que servissem de base para a compreensão e, por que não, para o questionamento da técnica, a fim da produção de algo novo.

Entre disciplinas básicas de humanidades e aulas técnicas, assim como o ensino de dois idiomas além do pátrio e da promoção da autonomia profissional, conforme pedem as diretrizes do MEC, foram inseridas matérias que permitem a interdisciplinaridade e, dessa forma, garantem ao comunicador profissional a compreensão dos grupos, de suas formas e necessidades de comunicar. Com essas

unidades curriculares, é proporcionada ao estudante a oportunidade de sair do condicionamento técnico e considerar, no processo, a pertinência da informação a ser transmitida para que se configure em uma mensagem coerente, bem como se o meio a ser utilizado atende suas características e as do grupo com o qual se pretende estabelecer o diálogo<sup>4</sup>.

Como exemplo tem-se a disciplina Seminários Avançados em Comunicação, de 60 horas, ministrada logo no 2º período do curso. Em sua ementa, a disciplina contempla “Estudos em comunicação contemporânea: desafios e perspectivas. Mercado da comunicação; comunicação e complexidade: aproximação dos estudos da comunicação com outras áreas do conhecimento” (UMC, 2016). Com metodologia que abrange teoria e prática, os alunos são levados à análise e a experimentação da produção de conteúdo em meios alternativos, treinando o olhar para a comunicação da pós-modernidade.

### **Mídia alternativa e conteúdo profissional**

Apesar de não estar inserida na matriz curricular supramencionada, pois essa entrou em vigor para ingressantes da UMC a partir de 2014, a recém-formada jornalista pela Casa, Cinthia Guedes, desenvolveu em 2015 Trabalho de Conclusão de Curso já sob essa nova perspectiva. Com seu projeto, ela traz a um público de jovens mulheres discussões sobre feminismo e imagem corporal em um fanzine sobre mulheres fotógrafas. A ideia partiu da percepção da autora de que, nesse universo, mulheres são mais conhecidas como musas inspiradoras que como profissionais, ao contrário do que diz a história da profissão, que tem muitos nomes femininos como protagonistas.

Assim, após fundamentação teórica que inclui não só Folkcomunicação e mídia alternativa, como também feminismo e discussões sobre fotografia/fotojornalismo e convergência de conteúdo, Guedes (2015) ainda aplicou pesquisa de opinião para validar suas escolhas de formato, temática e abordagem. Esse processo deu origem ao zine XIS, um conjunto de 5 livretos com entrevistas-perfil de fotógrafas e imagens de seus trabalhos. Na edição zero, um dos livretos traz o trabalho da própria autora, então estudante, que fotografa mulheres. O resultado é sensível e delicado, convalidado cientificamente, sem deixar de lado a criticidade e a qualidade de um conteúdo de interesse para o público-alvo que não se vê representado pelos MCM.

Hoje, expandindo as barreiras experimentais do projeto, a jornalista prevê a viabilização comercial do mesmo, convergindo seus conteúdos para as redes sociais da internet e ampliando a discussão proposta para outros públicos, em consonância com a reformulação necessária na formação profissional do Jornalista.

## Conclusões

Comparados às outras áreas de conhecimento, os estudos sobre a atividade profissional da comunicação são recentes e tão voláteis quanto as tecnologias às quais essa se vincula. A procura por um modelo que dê conta de solucionar a crise que se encontra a profissão de Jornalista no Brasil, no entanto, pode passar pelo ensino da teoria e da técnica da Folkcomunicação nas escolas de Jornalismo. Numa perspectiva complexa da ciência, uma matriz curricular que contemple a religação dos saberes e a compreensão não só dos meios de comunicação, mas também da sociedade, tem se mostrado eficaz nesse sentido. Assim, para todos os casos, é necessário compreender que comunicar não é simplesmente transmitir informações, mas sim estabelecer um diálogo no qual emissor e receptor têm a mesma importância dentro do processo.

## Bibliografia

- Arruda, A. S. R. & Moreira, H. S. (4 a 7 de setembro de 2013). *Das ruas para a web e vice-versa. Os cartazes de protesto como folkcomunicação no mundo real e no mundo virtual*. Em XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, Amazonas, Brasil.
- Arruda, A. S. R. & Oliveira, M. P. (2013). *Folkcomunicação nas redes sociais na internet: O paralelo possível entre as figureiras de Taubaté e o Snapguide*. Em XVI Conferência Brasileira dos Estudos da Folkcomunicação. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.
- Beltrão, L. (2001). *Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS.
- Guedes, C. (2015). *XIS* (trabalho de conclusão de curso – graduação). Universidade de Mogi das Cruzes. Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil.
- Maia, L. F., Ricarte de Azevedo Souza, E., Nobre, I. (26 a 28 de junho de 2013). *A identidade cultural nordestina em Bode Gaiato*. Em XVI Conferência Brasileira dos Estudos da Folkcomunicação. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.
- Morin, E. (2005). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro, Brasil: Bertand Brasil.
- Pelegri, M. (2008). *As inverdades, as meias verdades e as versões do Jornalismo*. Revista Ghrebh-, 1(11). Recuperado de <http://migre.me/tAjAK>
- Peruzzo, C. (1995). *Comunicação e Culturas populares*. São Paulo, Brasil: Intercom.
- Schmidt, C. (2010). *Filosofia do Jornalismo 50 anos depois: aportes para um cenário atual*. Jornadas Beltrianas, UEPG, Paraná, Brasil.

Schmidt, C. (2009). *Folkcomunicação: caminhos enunciados pela era digital*. Em XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

UMC. (2016). *Seminários avançados em Comunicação*. Recuperado de <http://migre.me/tAjxb>

## Notas

---

<sup>1</sup> Às 16h10 de 29/4/2016 eram 5.735.610.

<sup>2</sup> É o caso do curso oferecido pela Folha de São Paulo, um dos maiores jornais do País.

<sup>3</sup> Resolução completa no endereço <http://migre.me/tAjvT>

<sup>4</sup> Matriz completa no endereço <http://migre.me/tAjxb>